

ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA MULHERES FALANTES DE LÍNGUAS NÃO ROMÂNICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

TEACHING AND LEARNING PORTUGUESE AS A WELCOMING LANGUAGE FOR WOMEN SPEAKERS OF NON-ROMANCE LANGUAGES: AN EXPERIENCE REPORT

Renata Ramos Rodrigues ¹

¹ Universidade de Lisboa (ULisboa)
renata.rodrigues@edu.ulisboa.pt

Resumo. A comunidade internacional vivencia a maior crise humanitária: a população global que sofre migração forçada devido a conflitos, perseguições e violações de direitos humanos cresce substancialmente (UNHCR, 2023). O migrante que se desloca à força se vê, de repente, diante da necessidade de recomeçar em outro país, não raro onde nunca se imaginou antes. A língua, a diferença cultural e o desconhecimento sobre funcionamento das leis e da cidade são barreiras que se erguem no processo de adaptação. Assim, o ensino da língua do país anfitrião — conhecido, neste contexto, como português como língua de acolhimento (PLAc) — é essencial, pois é a ponte de acesso a espaços sociais e laborais (ANÇÃ, 2008). Essas pessoas precisam se comunicar, a fim de se tornarem autônomas na participação desta nova sociedade e o PLAc é a ferramenta que lhes possibilita falar e, mais importante, falar de si (PEREIRA, 2017); construindo suas próprias narrativas e retomando, aos poucos, à normalidade que o caos do deslocamento à força lhes tomou. Após a invasão do Talibã em 2021, assistimos à chegada de nacionais do Afeganistão em São Paulo, configurando um novo cenário nas aulas de PLAc: ensinar mulheres que se comunicam apenas no idioma nativo (Dari) cujo alfabeto e sistema de escrita se diferem do latino. Com isso, apresenta-se este relato de experiência, como professora e pesquisadora, a partir do curso de alfabetização em PLAc para mulheres refugiadas afegãs em São Paulo, com o objetivo de que possa ser replicado, com as devidas adaptações, em outras salas de aulas cujo contexto se assemelha. Para tanto, este trabalho parte dos estudos de ensino de PLAc, alinhados ao campo da linguística aplicada e da educação intercultural.

Palavras-chave: Português como língua de acolhimento, Ensino-aprendizagem de português, Alfabetização, Migração e refúgio.

Abstract. The international community is experiencing its largest humanitarian crisis: the global population affected by forced migration due to conflicts, persecution, and human rights violations continues to grow substantially (UNHCR, 2023). Forced migrants suddenly face the need to start over in another country, often in a place they had never imagined living. Language, cultural difference, and lack of knowledge about laws and the city become barriers in the adaptation process. Teaching the language of the host country, known in this

context as Portuguese as a Welcoming Language (PLAc), is therefore essential, as it provides a bridge to social and labor spaces (Anca, 2008). These people need to communicate in order to become autonomous participants in this new society, and PLAc is the tool that enables them to speak and, more importantly, to speak about themselves (Pereira, 2017), constructing their own narratives and gradually recovering the normality that the chaos of forced displacement took from them. After the Taliban invasion in 2021, the arrival of Afghan nationals in Sao Paulo created a new scenario in PLAc classes: teaching women who communicate only in their native language, Dari, whose alphabet and writing system differ from the Latin script. This experience report, written from the perspective of a teacher and researcher, presents a literacy course in PLAc for Afghan refugee women in Sao Paulo, with the aim of enabling its replication, with the necessary adaptations, in other classrooms with similar contexts. The work is grounded in studies on PLAc teaching, aligned with the fields of applied linguistics and intercultural education.

Keywords: Portuguese as a welcoming language; Teaching and learning Portuguese; Literacy; Migration and refuge

Introdução

O ensino da língua local como língua de acolhimento ganha relevância global diante da crise humanitária em curso, vivenciada pelas pessoas em situação de refúgio. Estatísticas apontam que mais de 108 milhões de pessoas no mundo foram obrigadas a deixar seus lares devido a conflitos, perseguições e graves violações de direitos humanos, das quais 52% se originam de apenas três países, dentre eles, Afeganistão (UNHCR, 2023). O conflito causado pela invasão do Talibã fez crescer o número da população afegã deslocada à força com destino a diferentes países em busca de melhores condições para se viver, sendo quase metade composta por mulheres e meninas (UNHCR, 2024), as quais se situam nos grupos mais vulneráveis (SANTINHO, 2016).

Considerando que os países, no geral, ainda não conseguem responder com ferramentas diversificadas e eficazes que auxiliam refugiados a ultrapassarem a barreira linguística, o que os impõe duros desafios; este estudo volta-se ao ensino de PLAc para mulheres refugiadas falantes de línguas não românicas, tendo como exemplo o curso para afegãs. Assim, pretende-se apresentar — especialmente para uso de professoras/voluntárias — algumas abordagens e recursos pedagógicos com base em conhecimentos teórico-práticos acerca da alfabetização e do ensino de PLAc.

Material e Métodos

Este relato de experiência é parte de um projeto aplicado em 2022, no âmbito do Programa de Ensino de Português do Adu – Instituto de Reintegração do Refugiado, em São Paulo¹. A partir da chegada de nacionais do Afeganistão interessados no Curso de Português, notou-se que havia mulheres que não tinham uma língua de contato, como o inglês ou francês, e/ou que eram apenas oralizadas. Com isso, deu-se início ao projeto do curso de alfabetização de PLAc para essas mulheres, identificando suas necessidades

¹ Este projeto resultou no tema da investigação de doutorado em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) – Portugal, 2023, bolsa com referência: 2023.00405.BD.

primeiras e, a partir de então, desenhando o programa do curso e desenvolvendo os materiais utilizados em sala de aula.

Objetiva-se, portanto, com este trabalho apresentar algumas abordagens e práticas pedagógicas que demonstraram bom resultado no processo de ensino-aprendizagem de PLAc para mulheres falantes de línguas não românicas a fim de que possam ser replicadas, com as devidas adaptações, em outras salas de aulas com contexto semelhante.

O projeto teve aporte teórico em Freire (2019, 2003, 1967) — para qual todo aprendiz tem conhecimento de mundo; por isso, centra-se no uso de palavras geradoras (do universo desse aprendiz) para uma alfabetização mais efetiva, crítica e consciente, partindo de sua própria história e cultura — o que dialoga com o ensino-aprendizagem de PLAc, dado que a bagagem cultural do aluno deve ser vista como contribuição positiva e considerada na elaboração de aparatos didáticos para este público-aprendiz (CABETE, 2010; GROSSO, 2010; PEREIRA, 2017).

Resultados

Ao final de quatro meses e meio, tempo de duração do curso, as alunas já conseguiam formar frases simples (tanto na escrita quanto na oralidade), utilizando presente do indicativo (verbos regulares e irregulares *ser*, *estar* e *ir*), presente contínuo e futuro imediato; indicar as horas, utilizando expressões comuns, ex.: “sete e meia” e “oito em ponto”; e identificar dias da semana e meses do ano. Também sabiam reconhecer o sistema monetário brasileiro e formular perguntas como “quanto custa tal coisa?”. Já interpretavam textos curtos e respondiam a algumas perguntas pessoais, como nacionalidade, membros da família, número do celular, data de nascimento, comida preferida etc.

Com o projeto, notou-se que as primeiras aulas são fundamentais para a forma como o curso todo se seguirá, tanto do ponto de vista afetivo quanto linguístico. Para que se forme um laço entre todas as participantes do processo de ensino-aprendizagem, é fundamental que, neste contexto, a professora esteja aberta à diversidade que se faz presente na sala de aula e se desvista de preconceitos, estereótipos e imagens pré-concebidas que possa ter. A professora deve ser respeitosa às diferenças culturais para que a aula, assim como a língua-alvo a ser ensinada, sejam ambas acolhedoras e este seja um espaço em que todas se sintam seguras para lá estarem e socializarem. Neste sentido, é importante que a professora estude e procure conhecer mais sobre o contexto social, cultural e religioso do local de proveniência das estudantes. E que possa abrir espaço em suas aulas e materiais pedagógicos para os conhecimentos das alunas a fim de que se sintam representadas e bem-vindas ao perceberem que aquele espaço é de troca, visto que existe interesse também pela sua língua e cultura. Isto as ajuda no desenvolvimento da aprendizagem da nova língua ao tecer comparações entre as semelhanças e diferenças de suas línguas-culturas e da língua-cultura-alvo.

Linguisticamente, o início das aulas é fundamental para introduzir de forma efetiva as letras do alfabeto, seus sons, formas e traçados, assim como a introdução dos números. Não se deve, portanto, ter pressa. É necessário fixar esse conhecimento que será a base de todas as próximas aulas. Notou-se ser importante correlacionar os conteúdos entre uma aula e outra, a fim de revisar o tópico dado na aula anterior e introduzir algo novo que se relacione a ele, criando familiaridade com o conteúdo dado e aquele que será trabalhado posteriormente. Isso faz com que as aprendizes vejam o porquê de estarem aprendendo aquilo naquele momento, entendendo a sequência das aulas. Referente ao

conteúdo, é importante traduzir coisas pontuais e relevantes para o entendimento do todo e tecer comparações com suas línguas nativas, a medida do possível. Além disso, é necessário “simplificar a gramática”, de acordo com Mendes (2012), não é o conhecimento de língua *stricto sensu* que se faz essencial nesse momento.

Outro ponto importante foi a forma como fazer as correções. É preciso ter sempre em mente que o objetivo do curso é introduzi-las à nova língua do país anfitrião, tanto na modalidade escrita quanto falada, assim, é preciso ser paciente e flexível nas correções. Por exemplo, deve-se respeitar o tempo de aprendizagem da pronúncia das palavras, não forçar, deixá-las explorar sem muitas intervenções na escrita, corrigir aos poucos e de forma não invasiva. As letras espelhadas, palavras escritas no meio da linha e alternância de maiúsculas e minúsculas no meio da palavra são comuns nessa etapa e, aos poucos, elas irão se adequando.

É fundamental trabalhar com o conhecimento prático e a língua em uso, pois elas necessitam fazer compras no mercado, entender os recados que a escola envia sobre seus filhos, pegar transporte público e ir ao médico. Conforme São Bernardo e Barbosa (2018), é necessário trabalhar com o uso da língua, capacitá-las linguisticamente para a comunicação e afazeres do dia a dia. Assim, é importante levar as aulas para além das paredes da sala de aula e acompanhá-las em outros espaços sociais para que possam praticar a língua com terceiros em segurança. Esses locais podem ser lojas, mercados, estação de metrô etc. É importante perguntar a elas sobre suas necessidades e interesses e levar a aula ao seu encontro.

Conclusões

Por virem de um país com baixo índice de alfabetização, somado aos traumas do processo migratório, eleva-se a importância das aulas da língua-alvo terem práticas acolhedoras que visam facilitar a adaptação dessas mulheres a essa nova sociedade que agora se inserem, amenizando tais sofrimentos e fazendo com que se sintam seguras no país anfitrião (Lambert, 2018). No processo de ensino-aprendizagem da língua, estão envolvidos inúmeros desafios para ambas, professoras e alunas, por diferentes razões. Entende-se, assim, que parte desses desafios pode ser superada com incentivo da professora, fazendo com que as aprendizes relacionem a língua-alvo aprendida às suas experiências e conhecimentos prévios, com base em suas próprias línguas-culturas, sem abandoná-las, diminuí-las ou substituí-las, mas somando-se a elas, cabendo a cada uma o devido espaço e reconhecimento. A língua de acolhimento só será de fato acolhedora se a professora, os materiais e a sala de aula também o forem.

Referências

ANÇÃ, Maria Helena. Língua portuguesa em novos públicos. **Saber (e) Educar**. (13), p. 71-87, 2008.

CABETE, Marta Alexandra. **O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa 2010.

Freire, P. (2019). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (25th ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2003). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (27th ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade* (27th ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Grosso, Maria José. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Linguística Aplicada**, 9(2), pp. 61-77, 2010.

Lambert, D. de. (2018). *A Handbook for Teaching English to Afghan Women Refugees* [Master's Projects and Capstones, University of San Francisco]. Repository of University of San Francisco.

MENDES, Edleise. **A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2**. Araraquara: EntreLínguas. v. 1, n. 2, p. 203-221, jul./dez. 2015.

PEREIRA, Giselda Fernanda. **Práticas para o ensino de português como língua de acolhimento em contexto escolar não formal: uma pedagogia intercultural**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de; BARBOSA, Lúcia Maria Assunção. Ensino de português como língua de acolhimento: experiência em um curso de português para imigrantes e refugiados(as) no Brasil. **Revista Fólio**. Vitória da Conquista, v. 10, n. 1, p. 475-493, jan./jun. 2018.

SANTINHO, Maria Cristina. **Refugiados e requerentes de asilo em Portugal: Contornos Políticos no Campo da Saúde**. Lisboa: Observatório das Migrações, ACM, I.P., 2016.

UNHCR. **Global Trends Forced Displacement in 2022**. 14 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

UNHCR. **Afghanistan situation**. 2024. Disponível em: <<https://reporting.unhcr.org/operational/situations/afghanistan-situation>>. Acesso em: 12 mar. 2024.